

Universidade Federal do Oeste do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Formação Básica Indígena

**III ComunicAção
Indígena**

**TECENDO SABERES NA RELAÇÃO
UNIVERSIDADE-COMUNIDADE**

Santarém, 13 e 14 de novembro de 2019

Programação e Resumos

Denize Carneiro
Paula Colares
Zair Santos
[Orgs.]

Universidade Federal do Oeste do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Formação Básica Indígena

Reitoria

Reitor
Hugo Alex Carneiro Diniz

Vice-Reitora
Aldenize Ruela Xavier

Instituto de Ciências da Educação - ICED

Diretor
Edilan de Sant'Ana Quaresma

Vice-Diretora
Ana Maria Vieira Silva

Formação Básica Indígena - FBI

Coordenadora
Denize de Souza Carneiro

Vice-Coordenador
Zair Henrique Santos

COMISSÃO ORGANIZADORA DO EVENTO

COORDENAÇÃO GERAL

Denize de Souza Carneiro
Coordenadora

Zair Henrique Santos
Vice-Coodenador

COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO E TRABALHO

Professores e professoras

Marília Fernanda Pereira Leite
Paula de Mattos Colares

Técnico Administrativo

W. Rogério de S. Cirino

Comissão Setorial de Ações Afirmativas - Iced

Elenise Pinto de Arruda

Diretoria de Políticas Estudantis e Ações Afirmativas da Proges

Terezinha do Socorro Lira Pereira

Discentes monitores da Ufopa

1. Ana Carolina Souza Lira
2. Arlindo Manasa Wai Wai
3. Carlos Daniel Correa de Melo
4. Cesar Renan Vasconcelos Mota
5. Cleberson Cardoso Santana
6. Clodoaldo Corrêa da Silva
7. Crislaine Castro de Sousa
8. Damilles Ribeiro Sardinha
9. Evellyn Kalliany Nunes Corrêa
10. Elize Mayara Santos Oliveira
11. Estela Santos Oliveira
12. Hugo Renan Santos Fonseca
13. Iria Batista Mikilis
14. Ironildes Gama Silva
15. Ileana Erick R. dos Santos
16. Jocinaldo Fernandes Costa
17. Jucéli Tapajós Sousa
18. Klyssia Cristhie Castro Gama
19. Levin Akay Munduruku
20. Nete Rodrigues de Souza Way Way

21. Pedro Cohco Wai Wai
22. Reslly Caroline Puchu Martins
23. Rosana Kabá Ribeiro
24. Rosimary de Souza Cruz
25. Rosiene de Souza Cruz
26. Ruan Rodrigo farias Santos
27. Solange M^a de Almeida da Silva
28. Suzan Michelle Nogueira dos Anjos
29. Sauvelina Waru de Sousa
30. Sara Raquel da Costa Pereira
31. Thainá Braz Souza
32. Thainá dos Santos Silva
33. Vilmar Nonato Cardoso Monteiro
34. Wesley Alexandre Lopes Ferreira
35. Zilma Mota Barbosa

REALIZAÇÃO

Universidade Federal do Oeste do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Formação Básica Indígena
Comissão Setorial de Ações Afirmativas do Iced

APOIO

Pró-Reitoria da Cultura, Comunidade e Extensão
Pró-Reitoria de Gestão Estudantil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
I PROGRAMAÇÃO GERAL.....	8
II PROGRAMAÇÃO DA CONFERÊNCIA, PALESTRA E COMUNICAÇÕES	10
III RESUMOS: COMUNICAÇÕES DOS DISCENTES INDÍGENAS	16
3.1 RESGATANDO A IDENTIDADE DO POVO KUMARUARA	17
3.2. BUSCA DA IDENTIDADE MAYTAPU NA FESTA DO GAMBÁ: VALORIZANDO A CULTURA E A DANÇA.....	18
3.3 OS RITUAIS E SEUS VALORES	19
3.4 PLANTANDO NA ESCOLA: CONSTRUINDO UMA HORTA SUSTENTÁVEL NA ALDEIA SÃO PEDRO DO MURUCY	20
3.5 VALORIZANDO OS MEDICAMENTOS CASEIROS DO POVO TUPAIÚ.....	21
3.6 CONHECER PARA APRENDER A SE DEFENDER: DISCUTINDO NOSSOS DIREITOS NA ALDEIA ARAÇAZAL	22
3.7 CONHECENDO OS POSSÍVEIS IMPACTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DO PROJETO HIDRELÉTRICA NO RIO TROMBETAS	23
3.8 A FORMAÇÃO BÁSICA INDÍGENA NA PERSPECTIVA DOS DISCENTES PARTICIPANTES	24
3.9 MANIAKA PURANGA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DAS BEBIDAS INDÍGENAS	25
3.10 PUSANGA KATU: UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DOS REMÉDIOS CASEIROS	26
3.11 CUIDANDO DA MÃE NATUREZA.....	27
3.12 CUNHATAIM: QUEBRANDO PRECONCEITOS DESDE A INFÂNCIA COM BONECAS E BONECOS INDÍGENAS.....	28
3.13 MEU CANTINHO FAVORITO: PROMOVENDO A INTERAÇÃO SOCIAL NA ALDEIA NOVA VISTA	29
3.14 AÇÕES DE LINGUAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO E DE CONTAÇÃO DE NARRATIVAS INFANTIS	30
3.15 PROJETO ARTES INDÍGENAS	31
3.16 <i>huyju ayũ imubapakap</i> ("HISTÓRIAS DOS NOSSOS ANCESTRAIS")	32
3.17 O ARTESANATO MUNDURUKU NA ALDEIA KATÕ	33
3.18 A POLÍTICA DE AÇÃO AFIRMATIVA DA UFOPA VOLTADA PARA O ACESSO DE INDÍGENAS	34

3.19 LITERATURA INDÍGENA: ABRINDO JANELAS PARA O CONHECIMENTO LITERÁRIO NA ALDEIA PAJURÁ	35
3.20 A ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES ACADÊMICAS DA UFOPA E AS HABILIDADES EXIGIDAS EM CADA CURSO	36
3.21 ORIENTAÇÕES QUANTO À INSCRIÇÃO NO PROCESSO SELETIVO ESPECIAL INDÍGENA (PSEI) DA UFOPA	37
3.22 MARCHA DE MULHERES INDÍGENAS <i>TERRITÓRIO: NOSSO CORPO, NOSSO ESPÍRITO</i> “COMO QUEREMOS A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA?”	38
3.23 RODA DE CONVERSA SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL	39
3.24 COTAS RACIAS: AS FORMAS DE INGRESSO DE INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ	40
3.25 ALDEIA SÃO CAETANO DO AMORIM: OS DESAFIOS DO DIREITO À EDUCAÇÃO E AO TERRITÓRIO	41

APRESENTAÇÃO

Organizado pela *Formação Básica Indígena (FBI)*¹, o *Comunicação Indígena* é um evento acadêmico anual, que busca promover espaços de compartilhamento de experiências de ensino-pesquisa-extensão junto à comunidade universitária da Ufopa e público em geral sobre o protagonismo e o potencial acadêmico dos estudantes indígenas, no âmbito do Ensino Superior.

O III *Comunicação Indígena* acontecerá nos dias 13 e 14 de novembro de 2019, no Campus Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), na cidade de Santarém/PA.

A programação da 3ª edição desse evento tem como propósitos a divulgação e a reflexão sobre a produção acadêmica dos indígenas que ingressaram na Ufopa por meio do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) em 2019, os quais desenvolveram uma série de ações (ou pesquisa-ação/participante) em suas aldeias, cujas experiências serão compartilhadas no evento, fruto de uma experiência que os professores que atuam na Formação Básica Indígena vêm desenvolvendo, o que motivou a escolha do tema: “Tecendo saberes na relação universidade e comunidade”.

Além disso, contaremos com palestras ministradas por dois pesquisadores que trabalham com povos indígenas. Trata-se da linguista Áustria Rodrigues Brito, professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e do antropólogo da etnia Baniwa Gersem José dos Santos Luciano.

O público-alvo do evento é a comunidade acadêmica da Ufopa, instituições de Ensino Superior, profissionais das redes pública e particular de ensino, estudantes de pós-graduação e graduação e outros profissionais interessados.

A programação completa será apresentada nas próximas páginas deste caderno. Desejamos ótimo evento a todos!

A coordenação do evento

¹A FBI é um instrumento da Política de Ação Afirmativa da Ufopa, que foi iniciado em 2016 e corresponde a um programa que tem como objetivo minimizar problemas enfrentados pelos indígenas no âmbito dos seus cursos de graduação. Trata-se de uma formação inicial que se propõe a trabalhar a autonomia intelectual dos discentes indígenas, oriundos do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI), com conteúdo das Ciências exatas (matemática), Ciências humanas (Língua Portuguesa, Antropologia, Direito, outros) e Tecnologias.

I PROGRAMAÇÃO GERAL

Tecendo saberes na relação Universidade e Comunidade

Dias: 13 e 14 de novembro de 2019

Local: auditório Wilson Fonseca, av. Marechal Rondon, s/nº, Caranazal, Santarém/Pará

Inscrição: <http://bit.ly/3ComAcao>

Carga-horária: 16h

PROGRAMAÇÃO GERAL

DIA: 13/11/2019	
7h30-8h30	Credenciamento
8h30-10h00	Solenidade de abertura
Intervalo	
10h30-12h00	Conferência de abertura: “Indígenas no Ensino Superior: por que os indígenas querem estar na universidade e por que a universidade precisa dos povos indígenas?” – Prof. Dr. Gersem Baniwa (Ufam)
Intervalo	
14h00-17h30	Comunicação oral: Trabalhos dos discentes indígenas, turma FBI/2019.
Intervalo	
18h00	Palestra: “O que você precisa saber sobre o indígena hoje: reflexões para a prática docente” – Prof. Dr. Gersen Baniwa (Ufam) <i>Público-alvo:</i> profissionais da educação (Ensino Básico e Ensino Superior) e demais interessados.
DIA: 14/11/2019	
8h00-10h00	Comunicação oral: Trabalhos dos discentes indígenas, turma FBI/2019.
Intervalo	
10h30-12h00	Comunicação oral: Trabalhos dos discentes indígenas, turma FBI/2019.
Intervalo	
14h00-15h30	Comunicação oral: Trabalhos dos discentes indígenas, turma FBI/2019.
Intervalo	
16h00-17h30	Palestra: “Protagonismo Indígena no Ensino Superior: Interculturalidade e Letramentos” – Prof ^a . Dr ^a . Áustria Brito (Unifesspa)
17h30-18h30	Encerramento: atividade cultural e considerações finais.

II PROGRAMAÇÃO DA CONFERÊNCIA, PALESTRA E COMUNICAÇÕES

CONFERÊNCIA E PALESTRA 1º DIA

Dia 13 de novembro de 2019, das 10h30 às 12h30

TÍTULO: “Indígenas no Ensino Superior: por que os indígenas querem estar na universidade e por que a universidade precisa dos povos indígenas?”

MINISTRANTE: Prof. Dr. Gersem José dos Santos Luciano (Ufam)

Dia 13 de novembro de 2019, das 18h00 às 19h30

TÍTULO: “O que você precisa saber sobre o indígena hoje: reflexões para a prática docente”

MINISTRANTE: Gersem José dos Santos Luciano (Ufam)



Gersem Baniwa

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (1995), mestrado (2006) e doutorado em Antropologia pela Universidade de Brasília (2011). Atualmente é professor adjunto no Departamento de Educação Escolar Indígena da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas. Conselheiro no Conselho Nacional de Educação (2006/2008 e 2016 a 2020). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Política Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: educação escolar indígena, educação indígena, movimento indígena, direitos indígenas e educação e diversidade.

PALESTRA 2º DIA

Dia 14 de novembro de 2019, das 16h00 às 17h30

TÍTULO: “Protagonismo Indígena no Ensino Superior: Interculturalidade e Letramentos”

MINISTRANTE: Prof^a. Dr^a. Áustria Rodrigues Brito (Unifesspa)



Áustria Brito

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (1996); Mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) e Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2015) - PPGL/LALLI. É professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Atualmente é Professora Adjunta IV, da Faculdade de Estudos da Linguagem (FAEL), vinculada ao Instituto de Letras, Linguística e Artes (ILLA). Atua como docente dos cursos de graduação, Especialização e Pós-graduação (POSLET E PROFLETRAS). Coordenadora do Mestrado Profissional da UNIFESSPA. Tem experiência na área de Linguística e Linguística Aplicada, com ênfase nas relações entre Ensino, Língua, Cultura e Identidade. Atua igualmente na área de educação escolar - formação de professores de educação básica e educação escolar indígena.

COMUNICAÇÕES

Dia 13 de novembro de 2019, das 14:00 as 15:30

- 1. RESGATANDO A IDENTIDADE DO POVO KUMARUARA** - *Maria Adelaide Santos Marques. Orientadoras: Paula Colares e Denize Carneiro*
- 2. BUSCA DA IDENTIDADE MAYTAPU NA FESTA DO GAMBÁ: VALORIZANDO A CULTURA E A DANÇA** - *Rianny Beatriz Silva dos Santos. Orientadoras: Paula Colares e Denize Carneiro*
- 3. OS RITUAIS E SEUS VALORES** - *Marcelo Caio Santos Cardoso, Sebastião Gleidson dos Santos Nobre, Suzana dos Santos Nobre. Orientadoras: Paula Colares e Denize Carneiro*
- 4. PLANTANDO NA ESCOLA: CONSTRUINDO UMA HORTA SUSTENTÁVEL NA ALDEIA SÃO PEDRO DO MURUCY** - *Arliene Pereira dos Santos, Zilma Mota Barbosa. Orientadoras: Paula Colares e Denize Carneiro*
- 5. VALORIZANDO OS MEDICAMENTOS CASEIROS DO POVO TUPAIÚ** - *Ana Carolina Souza Lira, Francilane Marques, Nagila Lorena Corrêa. Orientadoras: Paula Colares e Denize Carneiro*
- 6. CONHECER PARA APRENDER A SE DEFENDER: DISCUTINDO NOSSOS DIREITOS NA ALDEIA ARAÇAZAL** - *Camila Sousa Neves. Orientadoras: Paula Colares e Denize Carneiro*

Dia 13 de novembro de 2019, das 16:00 as 17:30

- 7. CONHECENDO OS POSSÍVEIS IMPACTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DO PROJETO HIDRELÉTRICA NO RIO TROMBETAS** - *Arlindo Manasa Wai Wai. Orientadoras: Paula Colares e Denize Carneiro*
- 8. A FORMAÇÃO BÁSICA INDÍGENA NA PERSPECTIVA DOS DISCENTES PARTICIPANTES** - *Elize Mayara Santos Oliveira, Estela Santos Oliveira, Ironildes Gama Silva. Orientadoras: Paula Colares e Denize Carneiro.*
- 9. MANIAKA PURANGA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DAS BEBIDAS INDÍGENA** - *Sara Raquel da Costa Pereira. Orientadora: Denize Carneiro*

COMUNICAÇÕES

Dia 14 de novembro de 2019, das 8h45 às 10h00

- 1. PUSANGA KATU: UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DOS REMÉDIOS CASEIROS** - Arlen Patrick Sousa, Alanna Dark Pereira. Orientadora: Denize Carneiro
- 2. CUIDANDO DA MÃE NATUREZA** - Thaina dos Santos Silva, Vilmar Nonato Cardoso Monteiro, Wesley Alexandre Lopes Ferreira. Orientadora: Denize Carneiro
- 3. CUNHATAIM: QUEBRANDO PRECONCEITOS DESDE A INFÂNCIA COM BONECAS E BONECOS INDÍGENAS** - Luane Neres de Souza, Jane Vivian da Silva Melo. Orientadora: Denize Carneiro
- 4. MEU CANTINHO FAVORITO: PROMOVENDO A INTERAÇÃO SOCIAL NA ALDEIA NOVA VISTA** - Veranice Pereira Silva. Orientadora: Denize Carneiro
- 5. AÇÕES DE LINGUAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE CONTAÇÃO DE NARRATIVAS INFANTIS** - Maria Odiene Pinheiro Batista. Orientadora: Denize Carneiro
- 6. PROJETO ARTES INDÍGENAS** - Cássia Pereira de Souza. Orientadora: Denize Carneiro

Dia 14 de novembro de 2019, das 10h30 às 12h00

- 7. KUYJU AYU IMUBAPAKAP ("HISTÓRIAS DOS NOSSOS ANCESTRAIS")**
Levin Akay Munduruku, Reslly Caroline Puchu Martins, Rosana Kabá Ribeiro, Sauvelina Waru de Sousa. Orientadora: Denize Carneiro
- 8. O ARTESANATO MUNDURUKU NA ALDEIA KATÕ** - Adenilson Paigo Munduruku.
Orientadora: Marília Leite
- 9. A POLÍTICA DE AÇÃO AFIRMATIVA DA UFOPA VOLTADA PARA O ACESSO DE INDÍGENAS** - Felicidade Carolaine da Silva Castro, Marcele Santos Dias. Orientadora: Marília Leite
- 10. LITERATURA INDÍGENA: ABRINDO JANELAS PARA O CONHECIMENTO LITERÁRIO NA ALDEIA PAJURÁ** - Lenita Passos dos Santos. Orientadora: Marília Leite
- 11. A ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES ACADÊMICAS DA UFOPA E AS HABILIDADES EXIGIDAS EM CADA CURSO** - Fernando Almeida do Carmo, Inádia Almeida Caetano, Ivon Castro dos Anjos Lucas Micael Castro Oliveira, Ramon Castro Fernandes Alves. Orientadora: Marília Leite

COMUNICAÇÕES

Dia 14 de novembro de 2019, das 14h00 às 15h30

- 1. ORIENTAÇÕES QUANTO À INSCRIÇÃO NO PROCESSO SELETIVO ESPECIAL INDÍGENA (PSEI) DA UFOPA** - *Emanuel Junio Braz Sousa, Gelcione Rodrigues Batista, Glenda Manuelle Paz Vasconcelos Gomes Vagner Augusto Rodrigues da Silva.*
Orientadora: Marília Leite
- 2. MARCHA DE MULHERES INDÍGENAS TERRITÓRIO: NOSSO CORPO, NOSSO ESPÍRITO “COMO QUEREMOS A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA?”** - *Alessandra Korap Silva.*
Orientadora: Marília Leite
- 3. RODA DE CONVERSA SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL** - *Raissa Mota Vieira.*
Orientadora: Marília Leite
- 4. COTAS RACIAS: AS FORMAS DE INGRESSO DE INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ** - *Cássio Sousa da Silva.*
Orientadora: Marília Leite
- 5. ALDEIA SÃO CAETANO DO AMORIM: OS DESAFIOS DO DIREITO À EDUCAÇÃO E AO TERRITÓRIO** - *Elcimara Santos do Carmo.*
Orientadora: Marília Leite

III RESUMOS

COMUNICAÇÕES² DOS DISCENTES

INDÍGENAS

² O conteúdo e a escrita dos resumos das comunicações é de responsabilidade do(s) autor(es) e orientadores.

3.1 RESGATANDO A IDENTIDADE DO POVO KUMARUARA

Maria Adelaide Santos Marques³
Orientadoras: Paula de M. Colares⁴
Denize de S. Carneiro⁵

RESUMO: O projeto “Resgatando a Identidade do Povo Kumaruara”, motivo desta comunicação, é resultado de uma pesquisa participante, desenvolvida no âmbito da disciplina de Metodologia Científica, ministrada na Formação Básica Indígena da Ufopa. O projeto teve como objetivo principal conscientizar os moradores da aldeia Araçazal a valorizar a sua identidade indígena. Araçazal é habitada por indígenas da etnia Kumaruara e está situada à margem esquerda do rio Tapajós, pertencendo a reserva extrativista Tapajós Arapiuns, localizada no município de Santarém-PA. Realizamos nessa aldeia as atividades do projeto: um cine debate e uma roda de conversa com a participação de lideranças, como cacique, tuxaua e pajé. Buscamos com essas ações despertar os comunitários para a importância do processo de revitalização da identidade, da linguagem, do modo de ser e dos costumes do povo Kumaruara. Tratamos, nesse projeto, da história do início da aldeia de Araçazal, do processo de sua autoafirmação indígena em 2008 e da memória dos primeiros moradores que habitaram o local, que foi a primeira aldeia afirmada pelo povo Kumaruara. Apesar de todas as dificuldades, o projeto teve êxito, pois os parentes abraçaram a causa e ficaram satisfeitos com o tema proposto, parabenizando a iniciativa.

PALAVRAS-CHAVE: Valorização da identidade indígena; Povo Kumaruara; Aldeia Araçazal/PA.

³ Graduanda do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: jhonsousa_stm@hotmail.com

⁴ Doutora em Antropologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da Formação Básica Indígena. E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.

⁵ Mestre em linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.2. BUSCA DA IDENTIDADE MAYTAPU NA FESTA DO GAMBÁ: VALORIZANDO A CULTURA E A DANÇA

Rianny Beatriz Silva dos Santos⁶
Orientadoras: Paula de M. Colares⁷
Denize de S. Carneiro⁸

RESUMO: Nesta comunicação, pretendo apresentar o projeto “Em Busca da Identidade Maytapu na Festa do Gambá: valorizando a dança e a ladainha”, desenvolvido na Formação Básica Indígena/ Ufopa e implementado na aldeia-comunidade de Pinhel, localizada à margem esquerda do rio Tapajós, no município de Aveiro. O projeto teve como objetivo fortalecer os conhecimentos tradicionais relacionados à festa de São Benedito, também conhecida como *Festa do Gambá*, em especial as ladainhas e a dança do gambá, envolvendo principalmente os mais jovens. As atividades previstas no projeto foram realizadas com apoio da escola indígena *Kurasy Katú*, em Pinhel, com uma roda de conversa, uma oficina e a participação na noite cultural do gambá. Com essas atividades, buscamos valorizar os saberes tradicionais dos idosos, assim como possibilitar um espaço de interação e aprendizagem dos mais jovens com os mais velhos, promovendo a integração das crianças da comunidade na festa. O trabalho deixou evidente a necessidade de fortalecimento da cultura indígena Maytapu, pois, julga-se necessário despertar na nova geração o interesse pela essência do festejo da aldeia/comunidade. Projetos como esse foram muito importantes para desenvolvermos o papel social que cabe a nós acadêmicos indígenas em nossas aldeias, contribuindo com a manutenção de saberes e preservando as nossas manifestações culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Maytapu; dança do gambá; ladainha.

⁶ Graduanda do curso Bacharelado Interdisciplinar em Saúde-Noturno da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: biaooliveira202122@gmail.com.

⁷ Doutora em Antropologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da Formação Básica Indígena. E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.

⁸ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.3 OS RITUAIS E SEUS VALORES

Marcelo Caio Santos Cardoso⁹
Sebastião Gleidson dos S. Nobre¹⁰
Suzana dos Santos Nobre¹¹
Orientadoras: Paula de M. Colares¹²
Denize de S. Carneiro¹³

Resumo: Esta comunicação consiste no relato da experiência de realização de uma oficina que buscou afirmar a importância de manter vivos os saberes culturais do povo Munduruku na região do Baixo Tapajós, realizada no âmbito do projeto de ação “Rituais e seus valores”, desenvolvido no âmbito da Formação Básica Indígena da Ufopa. Tal projeto foi implementado na aldeia Takuara, situada no Município de Belterra/PA, com objetivo de refletirmos coletivamente sobre a importância da sua história e de suas práticas rituais que estão vivas na memória e no cotidiano dos nossos anciãos. Diante do desinteresse de muitos jovens da aldeia sobre suas raízes, entendemos que cabe a nós, enquanto acadêmicos indígenas, buscarmos valorizar esses conhecimentos para que as futuras gerações tenham acesso, o que só poderá acontecer se hoje pudermos mantê-los vivos. Realizamos essa oficina com crianças e jovens, convidando e envolvendo os mais velhos e os mais experientes que dominam essas práticas e saberes, com foco nos rituais. Ações como essa promovem a interação entre gerações distintas, a saber: crianças, jovens e adultos. Com o projeto, ficou perceptível a importância de mais ações como essa que consigam instigar as crianças e os jovens a darem continuidade a esses saberes culturais.

PALAVRAS- CHAVE: Povo munduruku; Saberes culturais; Rituais indígenas.

⁹ Graduanda do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: maraperola1@gmail.com.

¹⁰ Graduando do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: thiagosantossantos43407@gmail.com.

¹¹ Graduanda do curso de Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: suzananobre2@gmail.com.

¹² Doutora em Antropologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da Formação Básica Indígena. E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.

¹³ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.4 PLANTANDO NA ESCOLA: CONSTRUINDO UMA HORTA SUSTENTÁVEL NA ALDEIA SÃO PEDRO DO MURUCY

Arliene Pereira dos Santos¹⁴

Zilma Mota Barbosa¹⁵

Orientadoras: Paula de M. Colares¹⁶

Denize de S. Carneiro¹⁷

RESUMO: Esta comunicação tem o propósito de apresentar a experiência de construção do projeto “Plantando na escola: construindo uma horta sustentável na aldeia Murucy da comunidade São Pedro” e a realização da atividade planejada por ele: o cultivo de uma horta na Escola *Anama Julieta dos Santos*, localizada na aldeia Murucy, do povo Arapiun, situada no rio Arapiuns/Pará. Trata-se de um projeto de pesquisa-ação desenvolvido com o objetivo de incentivar a alimentação saudável para os estudantes da comunidade, buscando valorizar os conhecimentos tradicionais na construção de hortas e despertar o interesse dos alunos da escola pelo consumo de hortaliças produzidas coletivamente na escola. Partindo-se da hipótese de que a merenda escolar possuía uma quantidade baixa de nutrientes, o processo de desenvolvimento da horta seguiu em três etapas: rodas de conversa, construção e o plantio, para que a horta fosse construída de forma satisfatória e com êxito para todos. As ações realizadas despertaram e instigaram o interesse dos alunos a plantar, cuidar, consumir e valorizar as hortaliças produzidas na aldeia.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimentos tradicionais; Alimentação saudável; hortaliças; Aldeia Murucy/Comunidade São Pedro-PA.

¹⁴ Graduanda do curso de Ciências e Tecnologia das Águas da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: arlienepereira@gmail.com.

¹⁵ Graduanda do curso de Bacharelado em Zootecnia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Email: zilmamotacleo@gmail.com.

¹⁶ Doutora em Antropologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da Formação Básica Indígena. E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.

¹⁷ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.5 VALORIZANDO OS MEDICAMENTOS CASEIROS DO POVO TUPAIÚ

Ana Carolina Souza Lira¹⁸

Francilane Marques¹⁹

Nagila Lorena Corrêa²⁰

Orientadoras: Paula de M. Colares²¹

Denize de S. Carneiro²²

RESUMO: O projeto "Valorizando os medicamentos caseiros do povo Tupaiú", desenvolveu-se no âmbito da disciplina *Introdução à Metodologia Científica*, sob orientação da professora Paula Colares. Tal projeto teve como objetivo a valorização dos medicamentos caseiros do povo Tupaiú. As ações previstas buscaram o fortalecimento da cultura e do conhecimento a respeito dos remédios tradicionais. A aldeia Aminã é povoada por indígenas da etnia Tupaiú e está localizada na margem direita do rio Arapiuns, dentro da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns (Resex), no município de Santarém-PA. As atividades do projeto foram realizadas em várias etapas: apresentação da proposta às lideranças e à Agente Comunitária de Saúde (ACS); exibição de documentário sobre manuseio de plantas tradicionais e suas finalidades; e a realização de uma palestra e oficina com a fabricação de medicamentos, como pílulas e pomadas, que foram produzidos pelos comunitários com a ajuda da ACS. A princípio, tivemos algumas dificuldades para desenvolver as atividades, pois, não havia recursos financeiros para comprar materiais exigidos na fabricação dos medicamentos (sebo e essências). Mas por meio de contribuição, conseguimos realizar a programação e obter êxito. O projeto foi elogiado pelos comunitários que já pediram a segunda etapa desta atividade, para que de alguma forma ele possa contribuir na saúde do povo na ausência dos remédios farmacêuticos.

PALAVRAS-CHAVE: Medicamentos caseiros; fortalecimento da cultura Tupaiú; Povo Tupaiú; Aldeia Aminã/PA.

¹⁸ Discente do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: lunakyara17@gmail.com.

¹⁹ Discente do curso de Licenciatura em Matemática e Física, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: francilanemarques113@gmail.com.

²⁰ Discente do curso de Bacharelado Geofísica, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: nagilaalmeida9318@gmail.com.

²¹ Doutora em Antropologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da Formação Básica Indígena. E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.

²² Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.6 CONHECER PARA APRENDER A SE DEFENDER: DISCUTINDO NOSSOS DIREITOS NA ALDEIA ARAÇAZAL

*Camila Sousa Neves²³
Orientadoras: Paula de M. Colares²⁴
Denize de S. Carneiro²⁵*

RESUMO: Nesta comunicação, iremos apresentar o resultado do projeto “Conhecer para aprender a se defender: discutindo nossos direitos na Aldeia Araçazal”, que teve como objetivo incentivar nossos parentes a conhecerem nossos direitos como povos indígenas e assim fortalecer nossas lutas. Partimos da percepção de que conhecer as leis e os avanços conquistados é essencial no processo de organização das comunidades indígenas. Sabemos que a dificuldade do acesso à internet e outros meios de comunicação, devido à distância das aldeias, impede muitas vezes que informações e conhecimentos sobre a história dos direitos dos povos indígenas e dos mecanismos legais que foram criados para que possamos nos defender cheguem aos indígenas em seus territórios. Por isso, através do projeto, realizamos uma palestra sobre direitos indígenas, apresentando trechos da Convenção 169 da OIT e da Constituição Federal de 1988, tratando também dos Protocolos de Consulta como instrumento de luta por direitos, além de um cine-debate com o documentário “Índio Cidadão?”, de Rodrigo Siqueira. Acreditamos que com a realização do projeto, produziu-se o interesse dos participantes em acessar informações sobre nossos direitos, pois só através de lutas, movimentos, encontros, reuniões e manifestações, conseguimos ser ouvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Direitos indígenas; Convenção 169 da OIT; Constituição Federal; Aldeia Araçazal /PA.

²³ Discente do curso de Bacharelado Interdisciplinar Em Ciências E Tecnologia Das Águas/Icta, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: camilasousaneves@gmail.com.

²⁴ Doutora em Antropologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da Formação Básica Indígena. E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.

²⁵ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.7 CONHECENDO OS POSSÍVEIS IMPACTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DO PROJETO HIDRELÉTRICA NO RIO TROMBETAS

Arlindo Manasa Wai Wai²⁶

Orientadoras: Paula de M. Colares²⁷

Denize de S. Carneiro²⁸

RESUMO: Nossa proposta com essa comunicação é apresentar o desenvolvimento do projeto “Conhecendo os possíveis impactos sociais e ambientais do projeto hidrelétrico no rio Trombetas”, bem como relatar a experiência de realizar as atividades propostas através dele. Nosso projeto teve como principal objetivo alertar comunidades que serão possivelmente afetadas pelo projeto de construção de uma hidrelétrica no rio Trombetas, iniciado na década de 1970, abandonado, e recentemente retomado. Isso tem causado preocupação, uma vez que, implementado, esse projeto transformaria a vida das comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas da região. Assim, buscamos levar para a aldeia de Takara, localizada no território do povo Wai Wai, no município de Oriximiná, Pará, alguns conhecimentos sobre esses impactos, para assim conscientizar as comunidades indígenas a terem interesse de lutar por suas terras e por sua própria vida. Para isso, fizemos um levantamento de casos de hidrelétricas construídas na Amazônia e seus impactos. Como uma forma de conscientizar os comunitários, realizamos palestras e exibição de documentários, porque como nas comunidades indígenas não há sinal de rede de telecomunicação, dificilmente os comunitários têm acesso às informações sobre projetos que ameaçam suas vidas, como esse de uma hidrelétrica. Como forma de despertar o interesse para a solução desses problemas, nós acadêmicos desenvolvemos o projeto para beneficiar as comunidades indígenas.

PALAVRAS-CHAVES: Hidrelétricas; Impactos; Territórios indígenas; Resistência.

²⁶ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: arlindomanasa0698@gmail.com

²⁷ Doutora em Antropologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da Formação Básica Indígena. E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.

²⁸ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.8 A FORMAÇÃO BÁSICA INDÍGENA NA PERSPECTIVA DOS DISCENTES PARTICIPANTES

Elize Mayara Santos Oliveira²⁹

Estela Santos Oliveira³⁰

Ironildes Gama Silva³¹

Orientadoras: Paula de M. Colares³²

Denize de S. Carneiro³³

RESUMO: A partir da lei das cotas houve um crescimento das populações indígenas nos cursos do Ensino Superior, porém, a documentação acerca desse processo é um tanto precária. Buscando contribuir com a documentação referente aos indígenas na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), pretendemos apresentar neste trabalho os resultados preliminares de uma pesquisa realizada em 2019, sobre a importância da *Formação Básica Indígena (FBI)*, na perspectiva dos discentes participantes do projeto. O objetivo foi o de documentar os desafios enfrentados pelos acadêmicos indígenas ingressantes na Ufopa pelo Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) e verificar os impactos de resultados da FBI. Assim, foi realizada uma pesquisa junto a discentes indígenas que participaram da FBI e, também, junto a indígenas que não participaram, com o intuito de observar as realidades vividas pelos acadêmicos antes e depois da FBI. Os estudantes que não viveram a experiência da FBI relataram as dificuldades enfrentadas em função da ausência de acompanhamento pedagógico no âmbito dos diferentes cursos da universidade, já os que passaram pela FBI falaram da importância do projeto FBI que os acolhe em sua chegada na instituição e sobre a importância de receberem uma formação que busca prepará-los para enfrentar os desafios acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas no Ensino Superior; Indígenas na Ufopa; Projeto Formação Básica Indígena.

²⁹ Discente do curso de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: elizemayaraoliveira@gmail.com

³⁰ Discente do curso Bacharelado em Farmácia, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: oliveiraeestela10@gmail.com

³¹ Discente do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: irokumaruara@gmail.com

³² Doutora em Antropologia, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora da Formação Básica Indígena. E-mail: paula.colares@ufopa.edu.br.

³³ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.9 MANIAKA PURANGA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DAS BEBIDAS INDÍGENAS

Sara Raquel da Costa Pereira³⁴
Orientadora: Denize de S. Carneiro³⁵

RESUMO: Este trabalho pretende apresentar o resultado de várias atividades sobre o tema *bebida à base de mandioca*, realizadas em Nova Vista, aldeia localizada à margem esquerda do rio Arapiuns, Estado do Pará, no âmbito do projeto “*Maniaka puranga*” (“Mandioca boa”, em nheengatu), idealizado por nós, no primeiro semestre de 2019, na Formação Básica Indígena. Essas ações tiveram como objetivo trabalhar, especialmente, junto aos mais jovens da comunidade as técnicas de preparo das bebidas provenientes da mandioca doce e da mandioca brava: *tarubá*, *caxiri*, *manicuera*, bem como, incentivar os comunitários ao uso frequente dessas bebidas nas festividades da aldeia como forma de valorização da cultura indígena, tendo em vista a sua permanência às futuras gerações. As atividades foram realizadas num período de 05 dias, contando com oficinas durante o dia, nas quais foram trabalhados conhecimentos sobre as referidas bebidas por comunitários detentores de tais saberes e fazeres desde a retirada da mandioca da roça até o produto final. Além disso, nessa oportunidade, previmos algumas ações - rodas de conversa e cine debate - no período noturno, para abordar a importância da valorização da cultura indígena, como também, para proporcionar conhecimentos sobre aspectos da história do povo arapiun, tendo como tema principal a *cabanagem* na região. A ação foi finalizada com uma noite cultural, na qual houve a socialização das bebidas e dos demais produtos resultantes da mandioca e apresentações culturais: danças, rituais e outros. Os resultados foram muito positivos. Os participantes do projeto puderam “absorver” o que foi trabalhado durante as oficinas e vivemos momentos de celebração da nossa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes indígenas; bebida de mandioca; aldeia Nova Vista/PA.

³⁴ Graduanda do curso de Ciência e Tecnologia das Águas na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: arapereiraacst@gmail.com

³⁵ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.10 PUSANGA KATU: UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DOS REMÉDIOS CASEIROS

Alanna Dark Pereira³⁶

Arlen Patrick Sousa³⁷

Orientadora: Denize de S. Carneiro³⁸

RESUMO: Esta comunicação apresenta dados da execução do projeto *Pusanga katu: uma experiência de valorização de remédios caseiros* que teve como objetivo promover a valorização dos saberes tradicionais indígenas referentes ao repasse dos conhecimentos sobre remédios caseiros, tendo em vista a realização do registro escrito de receitas repassadas por indígenas detentores de tais conhecimentos. A construção desse projeto adotou como metodologia a pesquisa-ação, que prevê a cooperação participativa dos comunitários envolvidos. Sua execução deu-se a partir de roda de conversa e oficina, junto aos comunitários indígenas e não indígenas do bairro Mapiri, na cidade de Santarém/Pará, em duas etapas: na primeira etapa, foi realizada a roda de conversa, na qual dialogou-se sobre a importância das plantas e dos métodos da medicina tradicional indígena; na segunda etapa, deu-se a realização da oficina de remédios caseiros, momento em que foram repassadas técnicas de uso de plantas medicinais. No final das atividades, foi realizada uma avaliação, na qual os participantes manifestaram seu grau de satisfação pelo aprendizado recebido. Com essa experiência atingimos o objetivo estabelecido no projeto, alcançamos o público-alvo esperado, os mais velhos se sentiram valorizados e 35 pessoas foram beneficiadas.

PALAVRAS-CHAVE: Medicina tradicional indígena; Comunidade Ajamuri/Mapiri; Povo Tapuia; Santarém/PA.

³⁶ Graduando do curso de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: arlentapajos51@gmail.com.

³⁷ Graduanda do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: alanna.pereira.j@gmail.com.

³⁸ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.11 CUIDANDO DA MÃE NATUREZA

Thaina dos Santos Silva³⁹

Vilmar Nonato Cardoso Monteiro⁴⁰

Wesley Alexandre Lopes Ferreira⁴¹

Orientadora: Denize de S. Carneiro⁴²

RESUMO: Há muito tempo o acúmulo e o descarte de lixo deixou de ser um problema apenas das cidades. Infelizmente, esse problema chegou nas aldeias da Amazônia e precisa ser encarado e discutido, pois, o mesmo ameaça tanto a saúde dos indígenas quanto o meio ambiente. Mediante essa questão, idealizamos o projeto “Cuidando da Mãe Natureza”, por meio do qual planejamos ações junto aos comunitários da aldeia Akaiú Wasú e da comunidade São Miguel Arcanjo, ambas localizadas à margem direita do rio Arapiuns/PA. O objetivo foi o de despertar nos comunitários desses lugares o cuidado com o meio ambiente, discutindo a problemática do descarte inadequado do lixo nas ruas, nos quintais e, principalmente, nos rios e igarapés. Assim, buscando alcançar esse objetivo, organizamos uma programação para três dias, com: palestras educativas, dinâmicas, danças, ritual, confecção e distribuição de lixeiras e placas com frases de incentivo à conservação da mãe natureza. Tivemos também momentos de discussão sobre como a aldeia/comunidade lidará com seu lixo, levantando possibilidades. Participaram ativamente discentes da escola indígena (Surara Emília) e da escola não indígena (São Miguel Arcanjo) e, especialmente, o grupo de jovens da Igreja Católica, JUNES. As ações foram concluídas com sucesso: contamos com cerca de 100 participantes nas atividades e iniciamos uma discussão sobre um tema importante que não deve e não pode ser negligenciado, o lixo nas aldeias/comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; conservação do meio ambiente; aldeia Akaiú Wasú/PA; comunidade São Miguel Arcanjo/PA.

³⁹ Discente do curso Bacharelado em Farmácia, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: dinelvasantos.3005@gmail.com

⁴⁰ Discente do curso de Arqueologia, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: natymilercardoso@gmail.com

⁴¹ Discente do curso de Engenharia de Pesca, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: maiaalexandrewesley827@gmail.com

⁴² Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.12 CUNHATAIM: QUEBRANDO PRECONCEITOS DESDE A INFÂNCIA COM BONECAS E BONECOS INDÍGENAS

Luane Neres de Souza⁴³

Jane Vivian da Silva Melo⁴⁴

Orientadora: Denize de S. Carneiro⁴⁵

RESUMO: Relatamos neste trabalho o desenvolvimento de uma oficina voltada para a confecção de brinquedos indígenas, no âmbito do projeto de ação *Cunhataim: quebrando preconceito desde a infância com bonecas e bonecos Indígenas*, que foi implementado na aldeia Vista Alegre do Capixauã, situada a margem esquerda do Baixo Rio Tapajós/PA. A atividade teve como objetivo desenvolver ideias para promover a desconstrução de estereótipos, por meio de reflexões sobre a representatividade de brinquedos étnicos na sociedade brasileira, envolvendo a aldeia a confeccionar esses brinquedos. A realização do projeto deu-se em quatro etapas: palestras para os jovens sobre temas, como: representatividade indígena, branqueamento, estereótipos contra pessoas indígenas; organização do material para a confecção de bonecas e bonecos indígenas, confecção dos bonecos e bonecas indígenas e avaliação das atividades. Como resultado, obtivemos a confecção de 15 peças, ou seja, bonecas e bonecos confeccionados, que foram expostos no final das atividades. A comunidade sentiu-se privilegiada com a ação e deseja que novas etapas do projeto sejam realizadas. Consideramos que o objetivo do nosso projeto foi alcançado com êxito e que todos entenderam que a falta de brinquedos com traços étnicos no mercado é uma forma de preconceito e discriminação. O projeto além de combater tudo isso também pode ser uma fonte de renda para as famílias.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade indígena; brinquedos indígenas; etnia Kumaruara; Aldeia Vista Alegre/PA.

⁴³ Discente do curso de Bacharelado em Agronomia, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: luh122neres@gmail.com

⁴⁴ Discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: janemelo6964@gmail.com

⁴⁵ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.13 MEU CANTINHO FAVORITO: PROMOVENDO A INTERAÇÃO SOCIAL NA ALDEIA NOVA VISTA

Veranice Pereira Silva⁴⁶

Orientadora: Denize de S. Carneiro⁴⁷

RESUMO: Na disciplina Introdução a Metodologia Científica, ofertada no âmbito da Formação Básica Indígena (FBI), no primeiro semestre de 2019, foi-nos feito um desafio que consistia em elaborarmos um projeto de ação ou de pesquisa-ação voltado para as nossas aldeias, mas o mesmo precisava contar com a participação ativa dos comunitários. Nossa proposta foi um tanto ousada para um projeto sem recurso previsto, ou seja, pensamos em elaborar um projeto de construção de uma praça com *miniparque* para a aldeia, pois, a mesma não contava com espaços desta natureza. Assim, o primeiro passo foi compartilhar a ideia às lideranças, que para nossa surpresa foram unânimes em colaborar para que nossa proposta fosse implementada. Assim surgiu o projeto “Meu cantinho favorito: promovendo a interação social na aldeia Nova Vista”. Tal aldeia está localizada à margem direita do rio Arapiuns, na região do Baixo Tapajós, no Município de Santarém, no Oeste paraense. Nosso objetivo com esse projeto foi o de mobilizar a aldeia para a construção de uma pequena praça no centro da comunidade, contendo alguns brinquedos, como: gangorra e escorregador, em benefício particularmente das crianças. O projeto foi/está sendo implementado em três etapas, a saber: (1) Roda de conversa e limpeza do terreno; (b) Puxirum para a construção da praça e do miniparque; (c) Puxirum para o acabamento das construções realizadas (etapa ainda será realizada). De acordo com os comunitários participantes, esse projeto foi de grande contribuição para a comunidade, que agora conta com uma praça e com um *miniparque*. Isso mostra que nosso objetivo foi alcançado e que o projeto está sendo implementado com sucesso.

PALAVRAS-CHAVE: Praça e *miniparque* na aldeia; Crianças; Brincadeiras; Aldeia Nova Vista/PA.

⁴⁶ Discente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará veranicepereira48@gmail.com

⁴⁷ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.14 AÇÕES DE LINGUAGEM: UMA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO E DE CONTAÇÃO DE NARRATIVAS INFANTIS

Maria Odiene Pinheiro Batista⁴⁸
Orientadora: Denize de S. Carneiro⁴⁹

RESUMO: O interesse e o hábito constante pela leitura tem início no lar, aperfeiçoa-se na escola formal e contínua na escola da vida (BAMBERGER, 1975). Porém, tal hábito deve ser estimulado para que as crianças/adolescentes possam exercitar sua criatividade, ampliar seu vocabulário e melhorar sua habilidade de leitura e escrita. Foi com o propósito de contribuir para isso, que criamos o projeto “Ações de Linguagem: uma experiência de criação e de contação de narrativas infantis”. As atividades foram realizadas junto às crianças e jovens de *Esperança*, aldeia situada à margem esquerda do rio Arapiuns, na região do Baixo rio Tapajós, município de Santarém/PA, habitada por 38 famílias da etnia *arapiun*. Nossa intenção foi estimular os jovens a exercitarem sua criatividade para criarem narrativas que pudessem ser utilizadas nas aulas de língua portuguesa do Ensino Fundamental I, abordando temas que contribuíssem para o processo educacional das crianças. Assim, foi realizada uma oficina, na escola *Surara Flora Pereira de Souza* com a participação de 28 pessoas, que trabalharam em grupo, resultando em 04 narrativas escritas a partir dos seguintes temas: (a) Valorização da cultura indígena; (b) Educação Ambiental; (c) Respeito aos mais velhos; (d) Cuidados com o corpo. Os comunitários da aldeia solicitaram mais ações como esta, pois, para eles o trabalho foi importante para ampliar os horizontes, para aumentar seus conhecimentos e para contribuir com reflexões sobre a formação humana e social que deve ser contínua independentemente da idade. É a experiência de realização desse trabalho que pretendemos compartilhar nesta comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura e escrita; valorização da linguagem; criação de narrativas escritas; Aldeia Esperança /PA.

⁴⁸ Graduanda no Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). E-mail: odienepinheiro35@gmail.com

⁴⁹ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.15 PROJETO ARTES INDÍGENAS

Cássia Pereira de Souza⁵⁰
Orientadora: Denize de S. Carneiro⁵¹

RESUMO: As artes indígenas exercem certo fascínio por sua originalidade e qualidades artísticas. São confeccionadas com técnicas manuais que foram desenvolvidas por membros de diferentes etnias Brasil a fora, resultando em verdadeiras obras de arte. Porém, diversos indígenas não estão tendo acesso a esses saberes e fazeres. Em reação a isso, elaboramos o projeto “Artes Indígenas”, que tem como propósito promover a valorização e o repasse de conhecimentos referentes às artes indígenas – “joias” e indumentárias para o corpo, grafismo corporal, utensílios usados na produção de alimentos e outros – junto aos comunitários da aldeia São Francisco. Tal aldeia está localizada à margem direita do rio Tapajós, Estado do Pará, e é habitada por cerca de 140 famílias da etnia Tupinambá. O projeto é pertinente por seu aspecto cultural e social, pois, além de incentivar a valorização das artes e do artesanato indígena, pode ser uma fonte de renda para as famílias da aldeia. A primeira ação prevista, no âmbito dessa proposta, será uma oficina para repasse de saberes e fazeres de peças artesanais e outros instrumentos para uso corporal, como: colares, pulseiras, brincos e cocares. A atividade será realizada em várias etapas: na primeira, será feita a colheita e a preparação das matéria-prima, seguida da confecção das peças artesanais. Em cada etapa, serão trabalhados os saberes implicados na confecção das peças. A terceira etapa corresponde à realização de uma noite cultural com a socialização dos produtos confeccionados e a troca dos mesmos por alimentos não perecíveis. Na última etapa será feita a distribuição dos alimentos para as famílias mais carentes de São Francisco.

PALAVRAS-CHAVE: Artesanato indígena; valorização cultural indígena; aldeia São Francisco/PA.

⁵⁰ Discente do curso de Geologia, na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: kassibelinha1727@gmail.com.

⁵¹ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.16 *Huyju aỹũ imubapakap* ("HISTÓRIAS DOS NOSSOS ANCESTRAIS")

*Levin Akay Munduruku*⁵²

*Reslly C. Puchu Martins*⁵³

*Rosana Kabá Ribeiro*⁵⁴

*Sauvelina Waru de Sousa*⁵⁵

*Orientadora: Denize de S. Carneiro*⁵⁶

RESUMO: Esse trabalho denominado *Huyju aỹũ imubapakap* que em Português significa “Histórias dos nossos ancestrais” (em língua munduruku) é resultado de algumas atividades sobre a mitologia munduruku, realizadas na aldeia *Karapanatuba*, município de Jacareacanga, Alto Tapajós/PA, habitada por aproximadamente 400 pessoas, em sua maioria da etnia Munduruku. Com o objetivo de contribuir para o fortalecimento e a valorização dos saberes tradicionais do nosso povo idealizamos tais atividades, tendo como público-alvo as crianças e os adolescentes da aldeia, estudantes da *Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Juliano Kirixi*. As ações deram-se em forma de roda de conversa e oficina, trabalhando várias linguagens: oral, escrita e não verbal. A oral foi contemplado, particularmente, nas narrativas feitas por sábios munduruku que detém conhecimentos sobre as histórias mitológicas, primeira parte da atividade. Em seguida, realizamos uma oficina sobre a criação e a escrita de histórias baseadas nas narrativas repassadas; também, proporcionamos a criação de desenhos para ilustrar tais narrativas. A experiência proporcionou interação entre nós acadêmicos e os moradores da comunidade. Além disso, foi um momento para refletirmos sobre a ressignificação e a manutenção do conhecimento dos nossos ancestrais às futuras gerações. Conseguimos resultados satisfatórios para nós e para a comunidade de *Karapanatuba*, que se sentiu valorizada com as atividades do nosso projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Saberes indígenas; Mitologia Munduruku; Aldeia *Karapanatuba/PA*.

⁵² Discente do curso de Ciências da Terra na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: akay01034@gmail.com

⁵³ Discente do curso de Biotecnologia na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: reslly.caroline10@gmail.com

⁵⁴ Discente do curso de Zootecnia na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: rosanakabaribeiro247@gmail.com

⁵⁵ Discente do curso de Direito na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: sauvelinawarudesousa@gmail.com.

⁵⁶ Mestre em Linguística, professora na Universidade Federal do Oeste do Pará. Coordenadora e professora da Formação Básica Indígena. E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

3.17 O ARTESANATO MUNDURUKU NA ALDEIA KATÕ

*Adenilson Paigo Munduruku*⁵⁷

*Orientadora: Marília F. Pereira Leite*⁵⁸

RESUMO: O projeto intitulado *Artesanato Munduruku* foi desenvolvido na aldeia Katõ do povo Munduruku, localizada na margem direita do Rio Kabitutu. O artesanato possui uma grande importância para o povo Munduruku. Atualmente a população Munduruku localizada na área do Kabitutu é de aproximadamente 1480 pessoas, onde realiza-se a produção de alguns artesanatos com as matérias-primas encontradas na floresta: sementes, tucumã e Waretayda. O objetivo desse projeto foi valorizar os bens mais significados do povo Munduruku: crenças, saberes e manifestações culturais. A ideia de desenvolver uma ação sobre artesanato Munduruku na aldeia Katõ do rio Kabitutu, partiu do fato de que a confecção de artesanatos atualmente é realizada por poucas pessoas e os jovens não estão demonstrando interesse em aprender com os mais velhos essa prática. Realizamos no dia 18 de julho uma oficina de artesanato com o intuito de despertar o interesse dos jovens da aldeia para a confecção e produção dos artesanatos que representam a nossa cultura. Antes de realizar a ação, orientamos como iria ocorrer a oficina e a importância do artesanato como elemento econômico, social e cultural para a nossa aldeia, e até mesmo como uma ferramenta de valorização da nossa identidade perante as pessoas da cidade mais próxima, o município de Jacarecanga-Pa. Com essa ação observamos que o artesanato é uma prática que precisa ser valorizada nas atividades desenvolvidas no ambiente escolar, convidando os mais velhos para fazer oficinas e cursos sobre o uso das sementes e demais materiais utilizados na confecção dos artesanatos. Os jovens e crianças que participaram da oficina avaliaram de forma positiva a nossa ação e foi possível refletir no grupo sobre a importância de que momentos como esse aconteçam de forma frequente.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Munduruku; Artesanato Munduruku; Valorização dos saberes tradicionais.

⁵⁷ Discente do curso de Bacharelado em Agronomia na Universidade Federal do Oeste do Pará. lord.munduruku1997@gmail.com

⁵⁸ Mestre em Linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br

3.18 A POLÍTICA DE AÇÃO AFIRMATIVA DA UFOPA VOLTADA PARA O ACESSO DE INDÍGENAS

*Felicidade Carolaine da S. Castro⁵⁹
Marcele Santos Dias⁶⁰
Orientadora: Marília F. Pereira Leite ⁶¹*

RESUMO: O projeto intitulado *A política de ação afirmativa da UFOPA voltada para o acesso de indígenas* foi desenvolvido nas aldeias Açaizal e São Francisco da Cavada no dia 03 de julho de 2019. As aldeias estão localizadas no planalto santareno e pertencem ao povo Munduruku. O objetivo desse projeto foi levar informações sobre o Processo Seletivo Especial Indígena – PSEI da Ufopa com o intuito de aumentar o índice de ingresso de indígenas do Planalto Santareno na universidade, proporcionando a eles melhor conhecimento sobre as etapas do PSEI. As realizações das ações do projeto tiveram início na aldeia Açaizal, no período da manhã, e na aldeia São Francisco da Cavada no período da tarde. Nas duas aldeias compusemos uma mesa para discutir e explanar o edital de seleção do PSEI. Convidamos professores da Ufopa que são membros da Comissão de Avaliação dos Processos Seletivos Especiais, lideranças e moradores das aldeias para participarem. Iniciamos com o ritual, passamos a palavra para as lideranças que deram as boas-vindas a todos os presentes, apresentamos o edital e especificamente os procedimentos de inscrição, e em seguida passamos a palavra para os professores da Ufopa que explicaram como funciona a avaliação das provas e as mudanças de documentos necessários para a inscrição, e por fim, abrimos um espaço para que os participantes tirassem suas dúvidas. Observamos que os participantes das palestras realizadas nas duas aldeias se sentiram motivados e mais seguros para concorrer ao edital 2020 do PSEI, tanto devido as informações obtidas e as dúvidas sanadas no momento de perguntas após a mesa, quanto por verem duas acadêmicas das aldeias desenvolvendo um projeto na universidade pensando no povo.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Munduruku; Processo seletivo especial indígena; Políticas de ação afirmativa.

⁵⁹ Discente do curso de Saúde coletiva, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: felicidaecarolaine@gmail.com

⁶⁰ Discente do curso de Antropologia, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: marcediasmunduruku@gmail.com

⁶¹ Mestre em Linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br

3.19 LITERATURA INDÍGENA: ABRINDO JANELAS PARA O CONHECIMENTO LITERÁRIO NA ALDEIA PAJURÁ

Lenita Passos dos Santos ⁶²

Orientadora: Marília F. Pereira Leite ⁶³

RESUMO: O projeto intitulado *Abrindo janelas para o conhecimento* foi desenvolvido na aldeia Pajurá do povo Tupinambá, localizada à margem esquerda do rio Tapajós, área da Reserva extrativista – Tapajós/Arapicuns. O percurso de Santarém até a aldeia é de aproximadamente 6 horas de viagem de barco. A aldeia é composta por 30 famílias e possui uma população de aproximadamente 200 pessoas entre crianças e adultos. No dia 06 de julho de 2019, às 8:00 horas da manhã, iniciamos as atividades do projeto na escola Izidório Amaral. Realizamos um minicurso e uma oficina sobre literatura indígena. Participaram das atividades: os funcionários da escola, as lideranças locais, pais e alunos. Iniciamos a atividade fazendo o acolhimento das pessoas presentes e a apresentação da professora Marília Leite, orientadora do projeto. Em seguida, apresentamos o projeto e os objetivos de aplicá-lo na aldeia, apresentamos os livros de literatura indígena, que foi uma novidade para eles, pois ainda não conheciam e nem haviam tido contato com livros literários. Falamos sobre a literatura indígena e disponibilizamos um tempo para que os participantes lessem os livros e compartilhassem as suas experiências com a leitura. Esse foi o primeiro projeto acadêmico a ser aplicado na aldeia, os resultados e a aceitação do mesmo na aldeia foram positivos. As pessoas que participaram das atividades interagiram bastante, leram os livros, fizeram lindas interpretações das leituras e muitos acharam as histórias dos textos parecidas com a realidade da aldeia. A experiência foi bem avaliada pela equipe escolar e por todos os participantes, além de ter provocado um incentivo para a criação de uma biblioteca com livros literários na aldeia e com um acervo da literatura indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Tupinambá; Literatura indígena; práticas de leitura.

⁶² Discente do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Oeste do Pará, E-mail: lenitapassos1987@gmail.com

⁶³ Mestre em linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br

3.20 A ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES ACADÊMICAS DA UFOPA E AS HABILIDADES EXIGIDAS EM CADA CURSO

Fernando Almeida do Carmo⁶⁴

Inádia Almeida Caetano⁶⁵

Ivon Castro dos Anjos⁶⁶

Lucas Micael Castro Oliveira⁶⁷

Ramon Castro Fernandes Alves⁶⁸

Orientadora: Marília F. Pereira Leite⁶⁹

RESUMO: A Aldeia Muratuba do Povo Tupinambá está localizada à margem esquerda do Rio Tapajós (Resex) e possui cerca de 374 habitantes. Nosso projeto de extensão objetivou, por meio de uma palestra, levar aos indígenas da Aldeia Muratuba, informações sobre a Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa: apresentar como as unidades acadêmicas se organizam e as habilidades exigidas em cada curso ofertado. A ideia do projeto surgiu ao percebermos a baixa procura, por parte dos indígenas da aldeia Muratuba, às vagas do Processo Seletivo Especial Indígena – PSEI. O objetivo principal do nosso projeto foi explicar como se dá a organização das unidades acadêmicas e dos cursos ofertados pela UFOPA. Para a realização do projeto foi necessário que primeiramente sistematizássemos o projeto, estudamos a organização da universidade e o tipo de profissional que cada curso visa formar. A realização do projeto se deu no dia 8 de agosto de 2019, a partir das 15 horas com a fala do cacique Manoel Océlio. Em seguida, iniciamos as apresentações dos cursos e unidades acadêmicas. No final das apresentações a palavra voltou para o cacique que complementou falando sobre a luta dos indígenas da região para chegarem à universidade. Conclui-se então, que esse desafio de desenvolver um projeto na aldeia onde nascemos e crescemos foi uma experiência única. A oportunidade de levar de volta um trabalho que fará diferença na vida dos que participaram é de grande importância para nosso crescimento pessoal e acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Aldeia Muratuba; Povo Tupinambá; Cursos ofertados na Ufopa.

⁶⁴ Discente do curso de Ciência da computação, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: tinhofernando44@gmail.com

⁶⁵ Discente do curso de Biotecnologia, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: inadiaalmeida10@gmail.com

⁶⁶ Discente do curso de Licenciatura em Matemática e Física, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: ivoncastrodosanjós@gmail.com

⁶⁷ Discente do curso de Licenciatura em Informática Educacional, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: lucasmicael268@gmail.com

⁶⁸ Discente do curso de Ciências da Computação, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: alves.ramon01@gamil.com

⁶⁹ Mestre em linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br

3.21 ORIENTAÇÕES QUANTO À INSCRIÇÃO NO PROCESSO SELETIVO ESPECIAL INDÍGENA (PSEI) DA UFOPA

*Emanuel Junio Braz Sousa*⁷⁰

*Gelcione Rodrigues Batista*⁷¹

*Glenda Manuelle Paz V. Gomes*⁷²

*Vagner Augusto R. da Silva*⁷³

*Orientadora: Marília F. Pereira Leite*⁷⁴

RESUMO: O projeto intitulado *Como se Inscrever no Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) da UFOPA?*, foi realizado nas aldeias Jauarituba e Mirixituba nos dias 16 e 18 de julho de 2019. As aldeias estão localizadas na margem esquerda do Rio Tapajós e pertencem ao povo Tupinambá. O projeto teve como principais objetivos: orientar os indígenas sobre os procedimentos para inscrição e realização do PSEI; informar sobre as políticas de ações afirmativas e de ingresso; e proporcionar informações e conhecimentos sobre a Universidade. Na aldeia Jauarituba a ação aconteceu no dia 16/07 com início às 10 horas da manhã na escola Nossa Senhora de Fátima, onde esclarecemos os pontos principais do edital utilizado por nossa equipe, informamos a todos as documentações necessárias para a inscrição, como as provas são desenvolvidas e no encerramento, contamos um pouco da nossa experiência no primeiro semestre da Formação Básica Indígena (FBI) na Ufopa. Em Mirixituba no dia 18/07, também demos início com a palestra às 10 horas da manhã, assim como na aldeia anterior, visamos esclarecer ao máximo sobre todos os procedimentos para tentar uma vaga na universidade através do PSEI. Buscamos sanar todas as dúvidas dos parentes indígenas, pois muitos não fazem Processo Seletivo Especial Indígena devido a carência de conhecimento e informações em nossas aldeias. O projeto como todo foi muito importante para todos que se fizeram presentes e, sabemos que conseguimos nossos objetivos porque vimos o sorriso no rosto daquelas pessoas e o interesse para ingressar na universidade através do PSEI, uma vez que plantamos uma sementinha de esperança e coragem em cada um.

PALAVRAS-CHAVE: Processo Seletivo Especial Indígena; Política de acesso ao público indígena na Ufopa; Povo Tupinambá.

⁷⁰ Discente no curso Bacharelado em Ciências Atmosféricas/IEG, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: junioemanuel.braz@gmail.com

⁷¹ Discente no curso Licenciatura em Geografia/ICED, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: gelcionerodrigues89@gmail.com

⁷² Discente no curso Bacharelado em Arqueologia/ ICS, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: glendamanuelle22@gmail.com

⁷³ Discente no curso Bacharelado em Sistema de Informação/IEG, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: vagneraugusto970@gmail.com

⁷⁴ Mestre em linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br

3.22 MARCHA DE MULHERES INDÍGENAS TERRITÓRIO: NOSSO CORPO, NOSSO ESPÍRITO “COMO QUEREMOS A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA?”

Alessandra Korap Silva⁷⁵

Orientadora: Marília F. Pereira Leite⁷⁶

RESUMO: O presente trabalho é o resultado do projeto intitulado “*As políticas de educação escolar indígena: O caso das escolas indígenas do povo Munduruku do médio Tapajós*”. A proposta inicial do projeto era construir um espaço de discussão sobre a educação escolar indígena na aldeia Praia do Índio, a ser realizada no dia 13 de agosto 2019 às 8h da manhã. No entanto, na data combinada estava marcada a 1ª Marcha de Mulheres Indígenas, do dia 09 a 14 de agosto 2019 em Brasília DF. Portanto, marcamos uma roda de conversa dentro da Marcha que foi realizada no dia 11 de agosto 2019 às 9h30 da manhã. O tema da Marcha foi *Território: nosso corpo, nosso espírito*, mas também propusemos levantar questões sobre a situação da educação escolar indígena em nossos territórios. Estiveram presentes na Marcha mais de duas mil mulheres e mais de cem povos diferentes, além da participação de Mulheres indígenas de toda a América Latina e com a participação de Mulheres Indígenas parlamentares do Brasil. O evento foi composto por cânticos, danças, rituais, artesanato e três rodas de conversa: território, saúde e educação. A minha participação enquanto mulher e estudante indígena foi falar sobre o Projeto Político e Pedagógico das escolas Munduruku com as mulheres indígenas, e levantar questionamentos tais como: Como se dá a educação diferenciada nos territórios e como é a educação que queremos? Na atividade estiveram presentes cerca de 20 mulheres de regiões diferentes do Brasil. Por meio da roda de conversa foi possível ter uma visão geral de como a educação escolar indígena está acontecendo nos territórios e o que precisamos avançar para que ela seja de qualidade, específica e diferenciada.

PALAVRAS-CHAVE: Marcha das mulheres indígenas; território indígena; educação escolar indígena.

⁷⁵ Discente do curso de Direito, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: alessandrakorape@gmail.com

⁷⁶ Mestre em linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br

3.23 RODA DE CONVERSA SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO BRASIL

*Raissa Mota Vieira*⁷⁷

*Orientadora: Marília F. Pereira Leite*⁷⁸

RESUMO: A aldeia Jaca pertencente ao povo Tupinambá está localizada na região do baixo tapajós e possui cerca de 300 habitantes. A escola da aldeia atua apenas com as séries iniciais até o fundamental I, e atualmente contém cerca de 20 alunos ao todo estudando na escola. O presente trabalho é o resultado do projeto intitulado “Educação escolar Indígena no Brasil”. O projeto foi desenvolvido na aldeia Jaca - Rio tapajós, no dia 20 de julho. O objetivo do projeto foi proporcionar um espaço de reflexão sobre a educação escolar indígena e como ela está nos dias de hoje. A ação ocorreu em forma de roda de conversa em um barracão da aldeia onde funciona uma sala de aula. Primeiramente, fez-se uma breve apresentação sobre o tema e logo em seguida foi dada a oportunidade para que todos compartilhassem suas experiências com a temática e suas opiniões. A ação foi avaliada de forma positiva, tendo em vista o interesse de todos os presentes com a escolha do tema que foi bem apoiada pelas lideranças locais. Os educadores e pais presentes, avaliaram positivamente o projeto, pois muitas dúvidas foram tiradas e esclarecidas, visto que muitos sabiam que havia uma educação destinada a nós, indígenas, mas não sabiam quais eram os direitos sobre essa educação.

PALAVRAS-CHAVE: Aldeia Jaca; Povo Tupinambá; Educação Escolar Indígena;

⁷⁷ Discente do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: raisamota15@gmail.com

⁷⁸ Mestre em linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br

3.24 COTAS RACIAS: AS FORMAS DE INGRESSO DE INDIGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

*Cássio Sousa da Silva*⁷⁹

*Orientadora: Marília F. Pereira Leite*⁸⁰

RESUMO: O projeto intitulado *Cotas Raciais: As Formas de Ingresso de Indígenas na Universidade Federal do Oeste do Pará*, buscou amenizar a carência de informação dos estudantes da aldeia Andirá, pertencente ao povo Arapiun, com relação às formas de ingresso na Universidade Federal do Oeste do Pará - Ufopa e os meios de informações sobre tais políticas de acesso. Através de uma roda de conversa realizada no dia 09 de setembro, explicamos que hoje em dia há duas formas de se entrada na Ufopa: pelo Processo Seletivo Regular Unificado (PSR) e pelo Processo Especial Indígena - PSEI. Buscamos responder às seguintes perguntas em nossa atividade na aldeia: Como se Preparar?; O que estudar?; O que falar na entrevista?; Como sempre se manter informado sobre o edital?; Por último, conversamos sobre a importância de termos parentes de nossas aldeias na Universidade e a força que isso traz para o movimento indígena no Brasil todo. O projeto teve uma aceitabilidade muito boa por parte dos parentes que se faziam presente na aldeia no ato da aplicação, gerou muitas perguntas que conseguimos mediar, criou-se uma expectativa muito boa entre os pais dos parentes, e o melhor de tudo, gerou novamente a vontade de continuar os estudos no ensino superior para mudar a realidade de cada um e ao mesmo tempo de todos de dentro da aldeia.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas de cotas raciais; Aldeia Andirá; Povo Arapiun.

¹ Discente do Curso de Licenciatura em Informática Educacional da Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: cassioarapiun.ufopa@gmail.com

² Docente na Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará e orientadora do projeto. E-mail: marilia.leite@ufopa.edu.br

⁸⁰ Mestre em linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br

3.25 ALDEIA SÃO CAETANO DO AMORIM: OS DESAFIOS DO DIREITO À EDUCAÇÃO E AO TERRITÓRIO

*Elcimara Santos do Carmo*⁸¹
*Orientadora: Marília F. Pereira Leite*⁸²

RESUMO: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa sobre a atual situação da aldeia São Caetano do Amorim com relação à luta por educação e do direito à terra. A referida aldeia é composta por 33 famílias e estudam atualmente na escola da aldeia, denominada Florêncio Joaquim Caetano, 38 alunos. O objetivo desse trabalho foi levantar dados sobre a aldeia e traçar um panorama quanto ao território e a educação escolar indígena. Para a realização dessa pesquisa, consultamos as lideranças indígenas e explicamos os objetivos do projeto. No período de recesso das atividades acadêmicas fomos para a aldeia, acompanhamos as atividades cotidianas e culturais do povo, realizamos entrevistas, fizemos registros fotográficos, investigamos os documentos sobre a aldeia e a escola da aldeia. A experiência de fazer um projeto com o objetivo de levantar dados sobre o meu povo foi muito significativa. Esperamos que o relatório gerado nessa pesquisa sirva de base para pesquisas futuras sobre a aldeia.

PALAVRAS-CHAVE: Aldeia São Caetano do Amorim; educação escolar indígena; território.

⁸¹ Discente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: elcimarasantos65@gmail.com

⁸² Mestre em linguística, docente no Projeto Formação Básica Indígena da Universidade Federal do Oeste do Pará. marilia.leite@ufopa.edu.br